



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 05/11/2021 a 11/11/2021

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>05/11/2021</b>	11,92	332,70	58,78	7,66	5,53
<b>08/11/2021</b>	11,78	331,80	58,05	7,68	5,51
<b>09/11/2021</b>	11,99	342,50	58,47	7,78	5,54
<b>10/11/2021</b>	12,03	342,40	59,14	8,03	5,69
<b>11/11/2021</b>	12,12	344,50	59,14	8,12	5,69
<b>Média</b>	<b>11,97</b>	<b>338,78</b>	<b>58,72</b>	<b>7,85</b>	<b>5,59</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	154,00	
RS – Não Me Toque	155,00	
RS – Londrina	150,00	
PR – Cascavel	149,00	
MT – C.N.Parecis	146,00	
MS – Maracaju	148,00	
GO - Rio Verde	148,00	
BA – L.E.Magalhães	150,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	79,00	CIF
Porto de Paranaguá	84,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	83,00	
SC – Rio do Sul	84,00	
PR – Cascavel	78,00	
PR – Londrina	77,00	
MT – C.N.Parecis	71,00	
MS – Maracaju	72,00	
SP – Itapetininga	80,00	
SP – Campinas	85,00	CIF
GO – Rio Verde	69,00	
GO – Jataí	69,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	83,00	
RS – Não Me Toque	82,00	
PR – Londrina	88,00	
PR – Cascavel	88,00	

Período: 10/11/2021

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 11/11/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	82,98	156,41	84,06

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
11/11/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	67,48
Feijão (saco 60 Kg)	251,67
Sorgo (saco 60 Kg)	64,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,96
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,17**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,87

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Outubro/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da

EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja voltaram a romper o piso dos US\$ 12,00/bushel, durante a semana, com o primeiro mês chegando a bater em US\$ 11,78, algo que não era visto há muitos anos. Após o anúncio do relatório de oferta e demanda, no dia 09/11, o mercado se recuperou, voltando aos níveis da semana anterior. O fechamento desta quinta-feira (11), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 12,12/bushel, contra US\$ 12,09 uma semana antes.

O relatório do USDA indicou uma leve redução na produção final dos EUA, neste corrente ano comercial 2021/22, com a mesma ficando em 120,4 milhões de toneladas, porém, elevou os estoques finais estadunidenses para 9,2 milhões de toneladas. A produção brasileira foi mantida em 144 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina recuou para 49,5 milhões (ainda muito acima do que espera o próprio mercado argentino). Já as importações da China foram reduzidas para 100 milhões de toneladas, perdendo um milhão em relação ao relatório de outubro. A produção mundial de soja ficou em 384 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais recuaram um pouco, para 103,8 milhões. Neste contexto, o preço médio esperado para os produtores de soja dos EUA, no corrente ano comercial, foi reduzido para US\$ 12,10/bushel, perdendo 25 centavos de dólar em relação à média estabelecida em outubro.

Dito isso, até o dia 07/11 a colheita de soja nos EUA atingia a 87% da área, contra a média histórica de 88% para esta data.

Por outro lado, na semana encerrada em 04/11, os EUA embarcaram 2,6 milhões de toneladas de soja, ficando o volume acima das expectativas do mercado. Em todo o atual ano comercial as exportações estadunidenses chegam a 13,8 milhões de toneladas, sendo 31% abaixo do realizado no mesmo período do ano anterior.

No Brasil, os preços recuaram bastante na média semanal. Tais preços não eram vistos desde julho passado. No balcão gaúcho o preço fechou a semana em R\$ 156,41/saco, enquanto nas demais praças nacionais os mesmos oscilaram entre R\$ 146,00 e R\$ 150,00/saco. Em relação à semana anterior, a média gaúcha perde quase cinco reais por saco, enquanto nas demais praças a perda é de 8 a 11 reais por saco.

Mesmo em entressafra, isso ocorre pela redução nas cotações em Chicago, pela revalorização do Real (R\$ 5,43 por dólar na manhã do dia 11/11), pela redução no valor dos prêmios e pela necessidade, em alguns pontos do país, de liberar estoques para a entrada, logo mais, da nova safra.

Por sua vez, a nova safra brasileira continua sendo estimada entre 142,7 e 144,7 milhões de toneladas, estabelecendo um novo recorde histórico. Entretanto, está faltando chuvas no sul do país para que o plantio avance. A área total a ser semeada está projetada em 40,5 milhões de hectares, esperando-se uma produtividade média nacional, se o clima deixar, em 3.590 quilos/hectare. Em muitas regiões, o recuo nos preços do boi gordo estaria levando criadores a aumentarem a área com soja. (cf. Datagro e Safras & Mercado)

Em termos de plantio da nova safra, até o dia 04/11 o mesmo chegava a 67% da área nacional esperada, contra 56% efetuado na mesma época do ano passado. (cf. AgRural)

Em termos de exportação, espera-se que o Brasil venda ao exterior um total de 2,6 milhões de toneladas de soja em novembro, elevando o total geral, em 11 meses, para 84,6 milhões de toneladas. Em 2020 o país exportou 82,3 milhões de toneladas, ficando perto do recorde nacional de 82,9 milhões atingido em 2018. Cerca de 70% das exportações brasileiras neste ano, até outubro, tiveram como destino a China. (cf. Anec)

Enfim, no que diz respeito ao esmagamento de soja no Brasil, até setembro do corrente ano o mesmo confirma uma redução de volume. Em setembro o total chegou a 3,3 milhões de toneladas, contra 3,4 em agosto e 3,7 milhões em julho e junho. Nos nove primeiros meses do ano o esmagamento total chega a uma redução de 1,7% sobre o mesmo período de 2020. Para a próxima safra espera-se um esmagamento de 48 milhões de toneladas, sobre uma safra superior a 144 milhões de toneladas, enquanto as exportações chegariam a 92 milhões. Espera-se também uma exportação recorde de farelo de soja, ao redor de 17,7 milhões de toneladas. Já a exportação de óleo de soja ficaria em 900.000 toneladas. Neste último caso existe fortes dúvidas devido a insegurança que a produção de biodiesel no Brasil vem causando. Isso devido as constantes intervenções do governo, modificando o percentual de mistura. Além disso, também trazem preocupações: a) a mudança do sistema de comercialização de leilões para a venda direta com metas obrigatórias de comercialização; e b) o acúmulo de créditos de ICMS decorrente da venda de biodiesel com diferimento para as distribuidoras. Entretanto, se a mistura de biodiesel for cumprida conforme prevê a legislação (Resolução CNPE nº 16/2018), ou seja, B13 em janeiro e fevereiro e B14 de março a dezembro de 2022, o esmagamento poderá crescer em até seis milhões de toneladas e chegar a 54 milhões de toneladas em 2022. Em síntese, projeta-se um quadro de aumento da disponibilidade de soja e uma nova redução percentual da participação da indústria brasileira relativamente à safra. A reversão desse quadro depende, essencialmente, da previsibilidade regulatória quanto ao teor da mistura, bem como da retomada do crescimento do percentual de biodiesel no diesel rodoviário e da solução do acúmulo de créditos de ICMS. (cf. Abiove)

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago acabaram subindo um pouco durante a semana, especialmente após o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 09/11. Assim, o primeiro mês cotado fechou a semana em US\$ 5,69/bushel, contra US\$ 5,59 uma semana antes.

O relatório do USDA indicou que a nova safra de milho nos EUA ficaria em 382,6 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais chegariam a 37,9 milhões. No primeiro caso um pequeno aumento e no segundo caso um leve recuo. Já a produção mundial de milho sobe para 1,2 bilhão de toneladas, constituindo-se em novo recorde. Os estoques finais mundiais ficariam em 304,4 milhões de toneladas, sendo que a produção brasileira está projetada em 118 milhões e a da Argentina em 54,5 milhões de toneladas. As importações chinesas de milho foram mantidas em 26 milhões de

toneladas. Neste contexto, o preço médio do cereal, ao produtor estadunidense, foi mantido em US\$ 5,45/bushel para 2021/22.

Dito isto, a colheita de milho nos EUA, até o dia 07/11, atingia a 84% da área semeada, contra 78% na média histórica para esta data.

Em paralelo, na semana encerrada em 04/11, as exportações de milho por parte dos EUA chegaram a 563.163 toneladas, ficando pouco superior ao limite mínimo esperado pelo mercado. No total do ano comercial os EUA já embarcaram 6 milhões de toneladas de milho, o que representa 21% a menos do que o exportado em igual período do ano anterior.

E no Brasil, os preços médios do milho ficaram relativamente estáveis, com viés de baixa. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 82,98/saco, enquanto nas demais praças nacionais o cereal girou entre R\$ 69,00 a R\$ 84,00/saco. Já na B3 os contratos de milho, no início do pregão da quinta-feira (11), estavam nos seguintes preços: novembro em R\$ 84,87/saco; janeiro em R\$ 86,10; março em R\$ 86,80 e maio em R\$ 82,94/saco.

Por sua vez, a nova safra de verão 2021/22, no país, até o dia 04/11, estava semeada em 75% da área esperada, contra 68% um ano antes. O clima, com exceção do sul do país, onde há certa falta de chuvas, tem sido positivo nas regiões produtoras. (cf. AgRural)

Em paralelo, na primeira semana de novembro o Brasil exportou 447.195 toneladas de milho. Este volume leva a uma média diária de 149.065 toneladas, o que significa uma redução de 37% sobre a média diária de todo o mês de novembro de 2020. O preço da tonelada, todavia, aumentou 37,3% no período, saindo de US\$ 178,40 para US\$ 245,00. De janeiro a outubro o Brasil teria exportado 14,6 milhões de toneladas, cerca de 41% a menos do que no mesmo período do ano anterior (cf. Secex) Para o total de novembro espera-se exportações ao redor de 2,65 milhões de toneladas, segundo a Anec. Em isso ocorrendo, os primeiros 11 meses do ano registrariam exportações totais de 17,2 milhões de toneladas, contra 33,4 milhões exportadas em todo o ano de 2020, segundo ainda a Associação.

Por outro lado, o Brasil importou, nos primeiros três dias de novembro, um total de 122.154 toneladas de milho, recebendo apenas neste período 58,3% de tudo que foi importado em todo o mês de novembro do ano passado. A média diária do atual mês de novembro é 289% superior à média de novembro do ano passado. Enquanto isso, a tonelada importada viu seu preço saltar de US\$ 142,80 para US\$ 248,20 no período. De janeiro a outubro o Brasil já importou 2,14 milhões de toneladas, ou seja, 133% acima do que no mesmo período do ano anterior. (cf. Secex)

Em termos estaduais, no Mato Grosso a comercialização da última safrinha de milho bateu em 92,1% do total na virada do mês de outubro para novembro, com um recuo no preço médio do saco, o qual ficou em R\$ 71,88. Já para a próxima safra a comercialização antecipada chegou a 36,7%, enquanto o preço médio subiu, ficando em R\$ 63,28/saco. Mesmo assim, 12% abaixo do registrado na média do ano anterior. (cf. Imea)

No Paraná, o plantio da nova safra de verão local chegou a 98% da área esperada, sendo que 96% da mesma está em boas condições. A área total prevista para esta safra de verão é de 420.128 hectares, o que poderá propiciar uma produção final de 4,1 milhões de toneladas, com produtividade média ao redor de 166 sacos/hectare, caso o clima colabore até o final. (cf. Deral)

Já em Goiás os preços do milho recuaram na semana passada, perdendo quase cinco reais por saco, ao se estabelecerem na média de R\$ 73,14. Nesta semana já caíram para R\$ 69,00, considerando as praças de Rio Verde e Jataí. (cf. Ifag)

E no Mato Grosso do Sul, nos primeiros oito dias de novembro, o preço do milho recuou de R\$ 76,00 para R\$ 72,63/saco na média. Lembrando que a média de novembro de 2020 foi de R\$ 70,70/saco neste Estado. A comercialização da safrinha passada já atinge a 74% do total no Mato Grosso do Sul. (cf. Famasul)

Enfim, vale muito destacar que o forte recuo nas exportações, associado ao forte aumento nas importações, está levando o Brasil a ficar com estoques finais de mais de 10 milhões de toneladas de milho, quando se esperava escassez do cereal neste ano. Isso está invertendo a tendência dos preços. (cf. Brandalitze Consulting) E muito ainda poderá ocorrer se a safra de verão, com aumento da área semeada, vier normal.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago dispararam novamente nesta semana, com o bushel ultrapassando os US\$ 8,00, algo que não era visto há muitos anos. O fechamento desta quinta-feira (11), para o primeiro mês cotado, acabou ficando em US\$ 8,12/bushel, contra US\$ 7,73 uma semana antes.

O movimento altista tem origem na menor produção dos EUA e do mundo. O relatório do USDA, do dia 09/11, identificou isso, mostrando que a produção do país norte-americano, em 2021/22, deverá ficar em apenas 44,8 milhões de toneladas, com estoques finais em 15,9 milhões, contra 23 milhões um ano antes. Já a produção mundial de trigo está agora estimada em 775,3 milhões de toneladas, com estoques finais em 275,8 milhões, contra 288 milhões um ano antes. A produção brasileira foi mantida em 7,9 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina ficou em 20 milhões. Os argentinos, neste caso, exportariam, neste novo ano comercial, um total de 13,5 milhões de toneladas. Já as importações da China foram mantidas em 10 milhões de toneladas. Neste quadro, o preço médio aos produtores de trigo dos EUA, em 2021/22, fica agora estimado em US\$ 6,90/bushel, contra US\$ 6,70 no mês anterior.

Dito isso, o plantio do trigo de inverno nos EUA, até o dia 07/11, atingiu a 91% da área esperada, ficando dentro da média histórica. Deste percentual, 74% já havia nascido, sendo que 45% estavam em condições entre boas a excelentes, 33% regulares e 22% entre ruins a muito ruins.

Por sua vez, os EUA embarcaram 231.854 toneladas de trigo na semana encerrada em 04/11, ficando o volume dentro das expectativas do mercado. O total embarcado no

atual ano comercial soma 9,9 milhões de toneladas, sendo ele 15% menor do que no ano passado, nesta mesma época.

Já no Brasil, os preços do cereal se mantiveram firmes, com a média gaúcha ficando em R\$ 84,06/saco, enquanto no Paraná os preços recuaram sob pressão da colheita, ficando em R\$ 88,00/saco.

A colheita no país passa dos 50% da área semeada, porém, a produção final, mesmo sendo recorde, não deverá alcançar o volume inicialmente esperado. Há muitas quebras de safra em diferentes regiões do país, sem falar na queda de qualidade do produto. Para se ter uma ideia, a colheita no Noroeste gaúcho, que chegava a 85% da área no início da presente semana, indicava um rendimento médio entre 40 e 45 sacos por hectare, quando a perspectiva inicial era de 55 a 60 sacos. Ou seja, tem-se aí uma quebra ao redor de 25% entre o esperado e o efetivamente realizado.

Mesmo assim, provavelmente os preços não encontrarão espaço para subir muito mais do que isso, pois a importações continuam avançando, aumentando a disponibilidade interna. A continuidade deste movimento dependerá muito do câmbio até o final do ano. Muitos produtores continuam armazenando o trigo na expectativa de vendê-lo a preço melhor no primeiro semestre do próximo ano.

Enfim, os compromissos de exportação de trigo, por parte do Rio Grande do Sul, já atingem a 1,27 milhão de toneladas para esta nova safra. (cf. TF Agroeconômicas)